

## COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e  
Cultura

Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD

Janine Bispo de Magalhães

### **Narrativas do museu:**

Ações e experimentações educativas em espaços culturais

Rio de Janeiro  
2019



Janine Bispo de Magalhães

**Narrativas do museu:**

Ações e experimentações educativas em espaços culturais

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Ma. Vera Rodrigues de Mendonça

Rio de Janeiro  
2019

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

M188 Magalhães, Janine Bispo de

Narrativas do museu: Ações e experimentações educativas em espaços culturais./  
Janine Bispo de Magalhães. – Rio de Janeiro, 2019.

53 f.

Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Colégio  
Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.  
Orientador: Vera Rodrigues de Mendonça.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Arte na educação. 3. Material educativo I.  
Mendonça, Vera Rodrigues de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Janine Bispo de Magalhães

**Narrativas do museu:**

Ações e experimentações educativas em espaços culturais

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Profa. Ma. Vera Rodrigues de Mendonça (Orientadora)  
Colégio Pedro II

---

Titulação e nome do segundo membro da banca  
Instituição a que pertence

---

Titulação e nome do terceiro membro da banca  
Instituição a que pertence

Rio de Janeiro  
2019

A todos os encontros (e reencontros, e desencontros) que o trabalho com educação em museus me permitiu experimentar nas relações com a comunidade escolar, espaços culturais e de educação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que esbarrei nesse caminho da Licenciatura em Artes Visuais e da educação em Museus.

Agradeço em especial a Maria Clara Boing, coordenadora educadora do Programa Educativo CCBB - Arte e Educação, e que já nadou comigo em outros MAREs, por sempre incentivar minha pesquisa e minha autoafirmação como educadora nesse espaço.

Agradeço a Camila Oliveira e Camila Alves, pela formação cuidadosa e carinhosa, e por todas as trocas que me levaram a entender que era essa a direção que eu queria continuar caminhando.

Às amigas Andréa Hygino, Luiza Coimbra, Rafaella Garcia, Jéssica Goés, Priscilla Souza e à companheira de trabalho Cíntia Ricardo por todo o questionamento e todo o empurrão que mantém essa vontade de trabalhar com educação viva.

Aos grupos de trabalho FormaImagemPalavra, do Museu de Arte do Rio e Práticas Artísticas e Práticas Educativas, no Programa Educativo CCBB - Arte e Educação, que me renderam as melhores companhias, parcerias e trocadilhos.

Agradeço à professora de artes da Escola Municipal Mozart Lago, Geane Senra, um encontro mais do que feliz que me inspirou e me levou a repensar a atuação em sala de aula.

Por fim, agradeço aos meus pais, Vanalice e Marcos, que sempre - sempre! - estão por mim.

## RESUMO

MAGALHÃES, Janine Bispo de. **Narrativas do museu:** Ações e experimentações educativas em espaços culturais. 2019. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Educação Matemática, Rio de Janeiro, 2019.

Os setores educativos dos museus trabalham de forma isolada dos demais, o que afeta diretamente o público que visita as exposições, que muitas vezes não são contemplados pelo projeto da curadoria – seja na disposição das obras, na elaboração dos textos, na ambientação pensada para a mostra, na ausência de artifícios interativos. Esses fatores criam um distanciamento – já existente – do cidadão que não está inserido no circuito de artes e museus ou em seu contexto acadêmico, e em especial, o público infanto-juvenil como comunidade escolar. Nesse contexto, o papel dos setores educativos – quando existem - e dos educadores museais é fundamental e não pode ser ignorado. O presente trabalho se debruça sobre as práticas e produção de materiais desses setores, bem como questiona o não reconhecimento da profissão do educador museal. Ao final, é apresentada a proposta de uma publicação como produto educacional, reunindo algumas proposições e materiais educativos produzidos por educadores/mediadores em espaços culturais que puderam ser contatos, a fim de promover um museu participativo e uma ação reflexiva para os alunos e professores que os visitam.

**Palavras-chave:** Educação museal. Objeto mediador. Material educativo. Mediação Cultural. Arte educação.

## ABSTRACT

MAGALHÃES, Janine Bispo de. **Narrativas do museu:** Ações e experimentações educativas em espaços culturais. 2019. Monografia (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Educação Matemática, Rio de Janeiro, 2019.

The educational sectors of the museums work isolated from the others, which directly affects the public that visits the exhibitions, as they are often not contemplated by the curatorial project - either in the arrangement of the works, in the preparation of texts, in the ambience intended for in the exhibition, in the lack of interactive devices. These factors create a distance - which already exists - from the citizen who is not included in the circuit of arts and museums or in the context of the academy, and especially the children and youth public such as in the school community. In this context, the role of the educational sectors - when they exist - and of the museum educators is fundamental and can not be ignored. The present work focuses on the practices and material production of these sectors, as well it questions about the non recognition of the profession of the museum educator. In the end, I present a proposal for a publication as an educational product, bringing together a compilation of propositions and educational materials produced by educators / mediators in cultural spaces, in order to promote a participatory museum and a continued action for students and teachers who visit them.

**Keywords:** Museal education. Mediation object. Educational material. Cultural mediation. Art education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**PNEM:** Política Nacional de Educação Museal

**REM:** Rede de Educadores de Museus

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>13</b>
<b>3 OBJETIVOS .....</b>	<b>14</b>
3.1 Objetivo Geral .....	14
3.2 Objetivos Específicos.....	14
<b>4 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>20</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>21</b>
<b>APÊNDICE A- Produto Educacional: NARRATIVAS DO MUSEU.....</b>	<b>22</b>
Apresentação .....	25
Organização.....	26
Práticas artísticas contemporâneas .....	27
2. Sensoriais e sinestésicos .....	32
3. Palavra e narrativa .....	38
4. Olhar pra dentro .....	45
5. De dentro para fora .....	47
6. Tudo pode ser objeto mediador?.....	51
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os chamados “objetos mediadores” têm sido uma extensa área de pesquisa dos setores educativos de museus. São materiais, dispositivos educativos e ações criadas pelos educadores/mediadores museais com a intenção de aprimorar a experiência do espaço cultural, bem como um convite à reflexão dentro do contexto das obras e exposições.

Esses materiais são recursos didáticos que se propõem serem reinventados coletivamente por alunos, professores e pelo público em geral. Também podem ter função de estimular e facilitar a assimilação de conteúdos de forma lúdica e sensorial. Eles sensibilizam o olhar do aluno/espectador e aproximam a prática da teoria, o conceito além da técnica, e ainda que a relação com a exposição não seja direta, eles aproximam o público para um maior sentimento de pertencimento do espaço. Os objetos mediadores e materiais educativos promovem a multidisciplinaridade, bem como, dentro da própria disciplina de Artes Visuais, eles podem introduzir também novas linguagens artísticas para além da que está sendo trabalhada, a partir de temas transversais à História da Arte e à cultura de forma mais ampla.

O projeto de publicação aqui apresentado constitui em um compilado de proposições pedagógicas e dispositivos produzidos por educadores museais de diversos espaços para serem experimentados com público espontâneo e em visitas educativas com grupos escolares. Alguns dos materiais que aparecem neste produto foram utilizados também em cursos e atividades voltadas para professores nas instituições culturais, onde foi possível presenciar um retorno muito positivo e a vontade dos docentes de desenvolver as propostas em sala de aula, o que foi motivo para se pensar nessa publicação. Além disso, em concursos públicos de magistério de artes visuais, tem sido uma prática que parte da formação do estágio probatório do professor aconteça em museus.

Esta publicação é destinada a educadores da comunidade escolar, educadores sociais e também para educadores museais, uma vez que o circuito de educativos ainda é muito pequeno e isso permite uma circulação desse profissional criando, co-criando e recriando ações em múltiplos espaços. Sua intenção é de compartilhar esses processos educativos e evidenciar que não se distanciam tanto da experimentação artística em sala de aula. As práticas aqui compartilhadas podem ser adaptadas aos assuntos do currículo escolar de artes visuais, mas principalmente, podem ajudar o professor em uma alfabetização visual, cultural e transdisciplinar.

## 2 JUSTIFICATIVA

Em *Museu, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte*, Maria Isabel Leite (2005, p. 52) afirma que “para trocarmos/interagirmos com a criança-sujeito-da-cultura precisamos nos ver, também, como produtores e consumidores críticos de cultura; precisamos nos reconhecer como tal e também usufruir a cultura”. Ao fazer uso dessa afirmação, justifica-se a necessidade de se estabelecer uma comunicação mais direta e fluida entre a comunidade escolar e os museus. É preciso também criar maneiras para que essa aproximação aconteça, tendo em vista as dificuldades que o docente encontra em seu cotidiano na tentativa de levar seus alunos para encontros externos: é necessária autorização da diretoria, que muitas vezes só considera o tempo em sala de aula como produtivo; é necessário dispor de transporte; é necessário ter outros responsáveis para dar conta de um grande número de alunos; é necessário pensar no tempo do trajeto para que não comprometa a refeição na escola etc.

O professor, sozinho, tem maior capacidade de ser esse sujeito-da-cultura, de frequentar e ser consumidor desses espaços por desejo próprio ou porque isso também faz parte de sua formação continuada. Nos cursos e ações voltadas para professores, além das exposições, eles podem ter um primeiro contato com o setor educativo dos museus e os materiais que produzem, e muitas vezes pedem para levar esse pedaço do museu para seus muitos alunos. Alguns educativos, inclusive, já produzem esse material pensando nos possíveis desdobramentos para o professor explorar em sala de aula, ou para o público espontâneo, que pode levar a reflexão trazida pela exposição para outros espaços-tempos, e com outros olhares, não mais contaminados pelo excesso de informação do ambiente do museu.

Esse desejo de que o museu contamine a escola e a escola seja contaminada pelo museu foi a razão para se escrever este trabalho como uma possível publicação sobre ações em museus que podem ser apropriadas pelo professor em sala. Os objetos mediadores e ações educativas são pensadas para aproximar e criar uma noção de pertencimento do público escolar nos museus. Se os museus já têm essa característica da dificuldade do acesso, de gerar um abismo com esse público que acredita que não pode usufruir sem ser em um passeio com a escola, esses materiais podem ser um caminho para que essa distância seja quebrada já na sala de aula, mesmo quando a ida ao museu não se faz possível.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

Analisar a potência dos materiais pedagógicos criados nos setores educativos de museus e centros culturais e estreitar a relação entre a escola e o museu, convidando o professor a experimentá-los e ressignificá-los com seus alunos.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- Trabalhar a transdisciplinaridade e multitemática desses materiais educativos;
- Fomentar a criação de novas narrativas que não estão visíveis nas obras de arte;
- Ampliar a ação dos materiais para além dos espaços expositivos;
- Integrar as várias modalidades de ensinar artes visuais em torno do fazer;
- Incrementar as pesquisas dos profissionais voltados para o ensino das artes visuais.

#### 4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para se falar sobre objetos mediadores, é importante evidenciar a figura por trás dessa pesquisa e seu lugar de atuação. Apesar de algumas instituições se sobressaírem em suas práticas, o papel do educador museal ainda é invisibilizado e questionado o tempo todo. A começar pela própria nomenclatura comumente usada, “monitor”, que passa por uma reavaliação, como debatido pelas REM’s (Redes de Educadores de Museus) e destacado por Miriam Celeste Martins no caderno da PNEM - Política Nacional de Educação Museal:

Embora recebendo verbas consideráveis, este programa (educativos de museus) nem sempre tem a sua devida valorização e reconhecimento por parte das equipes que não estão diretamente vinculadas à educação. Como função, também vemos a passagem da denominação de “monitor” para o educador de museu, também chamado por vezes de mediador; entretanto, cabe apontar as diferenças entre a função e a ação mediadora. Embora não haja uma única definição possível, compreender a mediação como ação implica voltar-se ao conceito que o coloca “entre” outros na busca de uma maior aproximação com os objetos e as manifestações artísticas. Não basta o acesso tendo em vista a socialização da arte. Não bastam apenas informações gerais. Levar em conta as diferentes necessidades do público com o oferecimento de diversos meios – como catálogos, materiais educativos, audioguias, jogos para a família, dispositivos específicos para grupos de surdos ou cegos, formação para aos educadores etc. – é importante e tem por objetivo facilitar o acesso e democratizar as culturas. (MARTINS, 2018, p85)

Isso também leva a discussão da substituição dos termos “visita guiada”, “visita orientada” por exemplo, pelo termo que se associa à função do mediador/educador. Podem parecer mínimos, mas acredita-se que trazem ganhos conceituais e metodológicos que implicam em uma maior aceitação desse profissional. Também faz conexão direta com a concepção de educação que cada espaço cultural cultiva na troca com seu público: se a instituição o percebe como mero receptor de informações acerca do acervo ou orientações a respeito de seu comportamento no ambiente expositivo ou se ela considera esse público também como produtor de conhecimento e o convida a uma participação ativa para a troca destes por meio da mediação. Como a palavra diz, o mediador está no meio da relação entre a obra e o visitante, a ressignificam e produzem saberes juntos, ao contrário do que os termos “guia” e “orientador”, que sugerem que esse conhecimento é unilateral e delimita os modos de expressão de outros saberes.

Honorato (2013) diferencia a monitoria da mediação nesse cenário, porque esta

quer propiciar o diálogo, a troca, a participação, entre tantas formas de se engajar o público – as inúmeras figuras do encontro, nem sempre abertas ao heterogêneo. Assim, não é mais suficiente adquirir informações sobre as obras, os artistas, a

exposição; tampouco estratégias para melhor transmiti-las. Para o desempenho de suas funções atuais, outras competências, quem sabe outros saberes, reputados como reflexivos, críticos e criativos, devem ser desenvolvidos. (HONORATO, 2013, p.2)

Nesse contexto, pode-se perceber que o papel do educador museal é fundamental, pois assim como o professor de sala de aula interpreta e se apropria do currículo para trabalhar com seus alunos, o educativo tem o papel de se reinventar e reinventar a exposição, e adaptá-la por meio da mediação para os diversos públicos que foram ou não contemplados pelo projeto museográfico. Isso pode se dar, por exemplo, pela disposição das obras, na elaboração dos textos, na ambientação pensada para a mostra, na ausência de artifícios interativos. Esses fatores criam um distanciamento – já existente – do cidadão que não está inserido no circuito de artes e museus ou no contexto da academia, e em especial, o público infanto-juvenil como comunidade escolar. O educador museal os reconhece e elabora formas de aproximação desses mundos.

Também pode-se entender o educador como um curador. Este é responsável pela concepção da exposição, desde sua ideia até sua montagem e supervisão, além de ser também encarregado pela execução e revisão do catálogo da exposição. O educador museal, quando nos debruçamos em sua formação contínua, pesquisa e produção de material e de conteúdo, faz uma curadoria dessa curadoria. Isso remete a uma fala que foi presenciada pela autora deste texto de um educador em uma visita com grupo escolar no Museu de Arte do Rio, quando a mesma exercia também a função de educadora nesse espaço: ele usava o termo “escolha” para traçar a linha que fez o grupo estar com ele naquele instante. Ou seja, o museu “escolheu” um curador, que “escolheu” sobre o quê e como falar em uma exposição. O professor “escolheu” aquela exposição para levar os alunos, e a visita é também uma espécie de negociação dessas escolhas, como a “escolha” do percurso e objetos mediadores pensados pelo educador e o que foi “escolhido” pelos alunos, também em sua subjetividade e multiplicidades de olhares. Importante frisar aqui que nem todos os educativos trabalham com a prática de um “roteiro de visita” pronto e fechado. Essa “escolha” de um percurso se dá no primeiro contato do educador com o grupo, e é possível romantizar um pouco ao se dizer que isso acontece pela troca pelo afeto. É bastante interessante o termo “sentir o grupo”. É desse sentir que a lógica do espaço é subvertida e reinventada, e é o que faz com que cada experiência com cada grupo seja única. O que o público leva, afinal, é o que ele “escolhe” para ser sua curadoria dentro de outras curadorias afetivas - do espaço, do curador, do professor, do educador, dos seus colegas - e, pode-se dizer, mais horizontais com o público, seja este escolar ou não.

Por isso, não basta criar exposições com um alto nível de complexidade, é importante criar ferramentas que facilitem a exploração criativa dessas exposições e permitam ao visitante/participante andar pelos espaços inbetween e construir ligações, significados, conhecimento. Essas ferramentas podem materializar-se através de objetos mediadores. Mas o pensamento imaginativo e criativo não atua sozinho, exige a intervenção do pensamento crítico. O pensamento crítico tem função de filtragem, ao avaliar e selecionar, entre as múltiplas relações e ideias criadas pelo pensamento imaginativo e criativo, as que criam valor”. (FERREIRA, 2014, p.5)

Nesse âmbito, a participação dos educadores museais comporia um cenário ideal para a concepção de uma exposição em um espaço cultural, uma vez que dessa forma os objetos de mediação e estratégias produzidas estariam embutidos em sua pesquisa e expografia, em diálogo com esse público que o curador não costuma acessar. Um exemplo disso são exposições com obras que não estão na altura do olhar de crianças e pessoas em cadeiras de roda, ou mesmo exposições com muita informação textual que se distancia do público não alfabetizado e não acadêmico.

O que seria a expografia ideal? Os denominados “Cubos Brancos” (galerias, museus, espaços expositivos institucionalizados) tem o intuito de favorecer uma noção de neutralidade para a leitura das obras. O'DOHERTY reflete que

A galeria ideal subtrai da obra de arte todos os indícios que interfiram no fato de que ela é 'arte'. A obra isolada de tudo o que possa prejudicar sua apreciação de si mesma. Isso dá ao recinto uma presença característica de outros espaços onde as convenções são preservadas pela repetição de um sistema fechado de valores. (O'DOHERTY, 2002, p. 3)

Em seu livro “Cenário da Arquitetura da Arte”, Sonia Salcedo del Castillo (2008) questiona a ideia do cubo branco que exclui qualquer possibilidade de interferência, de forma a sacralizar o objeto de arte por si só, e pensa no que o espaço expositivo pode somar ao contexto e à leitura das obras, ou seja, a experiência estética oferecida por uma exposição tem valor igual se não maior que as obras expostas, e é nesse sentido que a colaboração dos setores educativos agregaria na concepção das exposições.

O que acontece na prática é que depois que a exposição abre, não existe uma troca desses saberes entre esse público e as figuras responsáveis pela concepção da exposição. Se a figura do educador museal não estivesse presente, o contato com a produção artística se daria muitas vezes de forma superficial – obviamente entendendo que esse público também tem autonomia, além de um repertório subjetivo - mas que essa ativação seria passiva e unilateral. A aspiração do educador é sempre a troca, pois “as exposições podem expor diferentes vozes – tabelas com

diferentes perspectivas, visitas orientadas que apresentam diversos olhares, objetos mediadores que convidam à participação ativa dos visitantes na construção de conteúdos” (FERREIRA, 2014, p.2).

Um museu de arte ou um centro cultural que recebe programação de diversas linguagens abre espaço para que os educadores possam explorar a transdisciplinaridade dos conteúdos que dialogam com o que é exposto. Dessa forma, esse educador deve estar sempre em formação, pois também é artista, é criador, propositor e acima de tudo, mediador, diferente do que a nomenclatura “guia” ou “monitor” pode remeter como uma passividade do espectador diante das possibilidades de leitura de um trabalho de arte.

Dialogando, então, com a sala de aula, é possível associar a figura do professor também como um artista, pois ele cria diante dos contratempos pertinentes ao ensino público. A disciplina de Artes Visuais nas escolas tem um destaque menor em relação às demais, e é ainda associada a uma intenção recreativa, para a produção para datas comemorativas, à reprodução de imagens icônicas sem uma discussão mais profunda, etc. É um desafio para o professor buscar outros caminhos para debater Artes com os alunos, pois entende-se que o objeto artístico fala por si mesmo, ele mesmo é seu próprio mediador. É necessário ressaltar que o ensino de Artes envolve peculiaridades diferentes de outras disciplinas, já que além da teoria e história, provoca a expressão única do aluno no processo prático de criação. O aluno é agente da construção desse conhecimento porque é afetado de maneira singular e, com isso, produz também de maneira singular, ainda que diante de uma mesma experiência artística. Não existe uma regra ou medidor que possibilite uma avaliação igual, uma “resposta certa”. Bondia (2002) diz que

“Se a experiência é o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. [...] Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria” (p.27).

Podemos pensar como exemplos de materiais didáticos usados em outras disciplinas os mapas, tangrans, ábacos, balanças, materiais de laboratório. Mas quais materiais de apoio são pensados para a disciplina de Artes? Tendo em vista que a maior dificuldade das escolas públicas são recursos práticos, se os professores de outras áreas não alcançam resultados mais satisfatórios por dependerem apenas da lousa e do giz/caneta, do papel e do lápis e, muito raro

um computador com projetor, por que em Artes isso seria diferente? Os educadores museais, dependendo da instituição, podem ter mais ou menos recursos para criar objetos mediadores, assim como nem sempre dispõem de um espaço físico que não a galeria para a mediação. Aqui também defende-se a importância dos objetos, para que essa troca não dependa apenas do corpo do educador, sem lousa, sem giz.

O objeto mediador, então, tem a função de contextualizar o que muitas vezes a fala e o corpo não dá conta de traduzir, já que mesmo com a carga imagética, a arte, em sua essência, é abstrata, é estética, conceitual. A leitura de imagem e o arcabouço histórico de uma obra não são suficientes para falar por si só sobre seus processos e linguagens também. A importância do cruzamento entre professores de arte e educadores museais é a possibilidade de aproximar e expandir essas percepções por parte dos alunos, criando uma tangente para que essas práticas sejam transversais, e não aconteçam paralelamente, de uma forma no museu e de outra na escola. Uma publicação periódica destinada a professores de Artes Visuais ilustrando ações e a produção desses objetos mediadores em museus seria um pequeno passo para essa comunicação entre os dois espaços, observando que são práticas bastante distintas e que podem se complementar de maneira positiva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte deste trabalho, é dito um pouco sobre a mediação cultural e educação museal como pauta transversal à sala de aula. Como os educadores são - ou não - enxergados nesse lugar e como sua prática possibilita tecer relações com afetos e conteúdos de artes visuais. O termo “afeto” é utilizado pois a autora deste texto está inserida nessa narrativa cotidiana com seu percurso em setores educativos, de onde vem sua pesquisa, e onde entendeu que a mediação com artes é mais do que “se fazer entender” em relação aos conteúdos, está mais próxima do “se deixar afetar”, em relação à experiência.

Com este trabalho, procura-se afirmar a importância dos educadores museais e, principalmente, sua produção de dispositivos e objetos mediadores como forma de ampliar a discussão trazida não somente pelo conteúdo de um espaço cultural, mas o que a própria experiência de estar nesse lugar pode remeter.

No contato com os demais profissionais do ensino de artes, estes materiais transbordam o lugar físico do museu e também saem do conceito de produto apenas informativo. São materiais que propõem uma ativação que visa a aproximação lúdica do aluno/público e levam à reflexão e à experiência das exposições ou obras adiante, de forma a gerar desdobramentos outros.

Os objetos mediadores/materiais educativos não substituem a experiência de museu, mas a complementam ao permitir que o aluno leve consigo a memória dessa vivência e desenvolva suas próprias conexões e narrativas. Como muitas vezes, uma visita não é possível, a intenção desta publicação como produto educacional é compartilhar essas práticas com os educadores, sejam eles museais ou atuantes na sala de aula, que podem também reinventar e adaptar à realidade do aluno todos esses materiais produzidos pelos setores educativos.

## 6 REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução João Wanderley Geraldi. Espanha: Universidade de Barcelona, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

CASTILLO, Sonia Salcedo Del. **Cenário da Arquitetura de Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, Inês. Objetos mediadores em museus. **MIDAS [Online]**, n. 4, 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/midas/676> ; DOI : 10.4000/midas.676> . Acesso em: 10 mar. 2019.

HONORATO, Cayo. **A formação de mediadores e um currículo da mediação**. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/eav/Cayo%20Honorato.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

LEITE, Maria Isabel. Museus de arte: espaços de educação e cultura. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (Org.) **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas: Papirus, 2005. p. 52

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF, 2018. p. 84-88.

MUSEU DE ARTE DO RIO. **Escola do Olhar : práticas educativas do Museu de Arte do Rio 2013-2015 ; Seminário Sustentabilidade, Educação e Arte**. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2016.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do Espaço da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

**Janine Bispo de Magalhães**  
**Vera Rodrigues de Mendonça**

**NARRATIVAS DO MUSEU**  
Ações e experimentações em museus e centros culturais

**Rio de Janeiro**

**2019**

# **NARRATIVAS DO MUSEU**

**Ações e experimentações em museus e centros  
culturais**

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>25</b>
<b>Organização.....</b>	<b>26</b>
<b>1..... Práticas artísticas contemporâneas</b>	<b>27</b>
_Ver e traçar 2015, Escola do Olhar - Museu de arte do Rio.....	27
_Ver e... captar?.....	30
_MAR de memes .....	31
<b>2. Sensoriais e sinestésicos.....</b>	<b>32</b>
_Baralho Barulho .....	33
_Museu dos sentidos .....	34
_Nas cavernas. ....	35
<b>3. Palavra e narrativa .....</b>	<b>38</b>
_Desdobração de histórias.....	38
_Forma das Palavras .....	40
_Baralho Semana de Museus .....	42
<b>4. Olhar pra dentro .....</b>	<b>45</b>
_Convite à atenção .....	45
<b>5. De dentro para fora .....</b>	<b>47</b>
_Convite à ativação - Construções Sensíveis.....	47
_Convite à ativação - 50 anos de Realismo .....	48
<b>6. Tudo pode ser objeto mediador?.....</b>	<b>51</b>
_Pense como .....	51
_MasterFIP.....	52
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>

## **Apresentação**

Os chamados “objetos mediadores” têm sido uma extensa área de pesquisa dos setores educativos de museus. São materiais, dispositivos educativos e ações criadas pelos educadores/mediadores museais com a intenção de aprimorar a experiência do espaço cultural, bem como um convite à reflexão dentro do contexto das obras e exposições.

Esses materiais são recursos didáticos que se propõem serem reinventados coletivamente por alunos, professores e pelo público em geral. Também podem ter função de estimular e facilitar a assimilação de conteúdos de forma lúdica e sensorial. Eles sensibilizam o olhar do aluno/espectador e aproximam a prática da teoria, o conceito além da técnica, e ainda que a relação com a exposição não seja direta, eles aproximam o público para um maior sentimento de pertencimento do espaço. Os objetos mediadores e materiais educativos promovem a multidisciplinaridade, bem como, dentro da própria disciplina de Artes Visuais, eles podem introduzir também novas linguagens artísticas para além da que está sendo trabalhada, a partir de temas transversais à História da Arte e à cultura de forma mais ampla.

As ações pedagógicas e materiais aqui apresentados são um pequeno exemplar das experimentações de educadores e mediadores com o público escolar e visitantes espontâneos de todas as idades de alguns espaços culturais. Estão organizadas nos seguintes eixos temáticos: Práticas Artísticas Contemporâneas, Sensoriais e Sinestésicos, Palavra e Narrativa, Olhar para dentro e De dentro para fora.

Esta publicação é destinada a educadores e profissionais do ensino da arte, com a intenção de compartilhar estes processos criativos e educativos e evidenciar que não se distanciam - ou não precisam se distanciar - tanto da experimentação artística em sala de aula. As práticas aqui compartilhadas podem ser adaptadas aos assuntos do currículo escolar de artes visuais, mas principalmente, podem ajudar o professor numa alfabetização visual, cultural e transdisciplinar.

## **Organização**

O seguinte produto educacional é uma publicação, um caderno que reúne algumas atividades educativas e pedagógicas desenvolvidas pelos setores educativos de museus e centros culturais.

Essa publicação se destina a professores, educadores, comunidade escolar e profissionais de arte e educação em geral.

Possibilidade de ser a primeira edição de uma publicação anual com o recorte de educação museal.

Sua tiragem seria limitada (a definir) e sua distribuição seria gratuita em setores educativos de museus e centros culturais, bem como em encontros de professores.

Sua encadernação seria tipo brochura, formato A5. Aproximadamente 50 páginas. Impressão colorida, papel couché. Mais detalhes a definir.

## **Práticas artísticas contemporâneas**

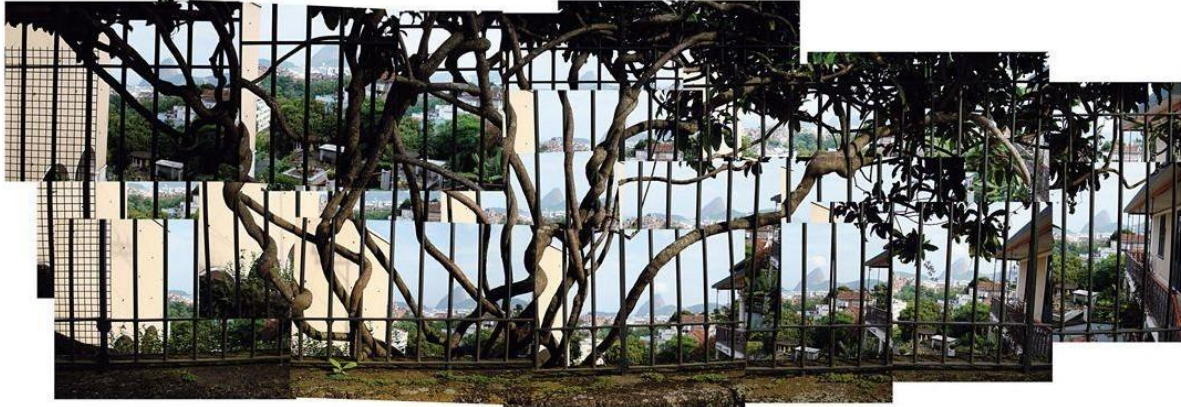
Alguns objetos mediadores e ações educativas são criadas na tentativa de abrir e investigar os processos da concepção de uma obra de arte e linguagens usadas pelos artistas. Nesse sentido, o educador também se torna artista e curador. Este é responsável pela concepção da exposição, desde sua ideia até sua montagem e supervisão, além de ser também encarregado pela execução e revisão do catálogo da exposição. O educador museal, quando nos debruçamos em suas formação contínua, pesquisa e produção material e de conteúdo, faz uma curadoria dessa curadoria, e, junto com o público, ressignifica e reinventa estes conteúdos, trazendo uma leitura que se relaciona e se aproxima com sua realidade e que possibilite o compartilhamento de suas vivências e conhecimento.

### **\_Ver e traçar**

**2015, Escola do Olhar - Museu de arte do Rio**

A atividade “Ver e Traçar” aconteceu em 2015, proposta por Jéssica Góes, então educadora do Museu de Arte do Rio, e conversava com a linguagem da exposição do artista contemporâneo Marcos Chaves, intitulada “Paisagens não vistas”. Marcos Chaves trabalha a fotografia da cidade do Rio de Janeiro, deslocando a percepção contaminada pelas repetidas imagens de cartões postais para fotografias partidas em ângulos inusitados, nos convidando o expectador a um novo ponto de vista fora do enquadramento turístico.

Figura 1: Pontos de Fuga, Marcos Chaves, 2001.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Com uma moldura-suporte, canetas e chapas de acetato, o público era convidado a registrar sua percepção da paisagem, se sobrepondo aos diferentes ângulos deixados como rastros de memória dos visitantes anteriores e *tornar visíveis estas novas paisagens*.

“A paisagem é comum a todos, mas não o seu olhar” era a frase de chamada para a atividade. A construção de uma nova paisagem pelos visitantes também permite a troca de novas realidades não percebidas pelo outro. É um exercício de observação e desenho que se propõe desnaturalizar nosso olhar viciado e nos induz a atentar outros elementos alheios à nossa memória afetiva e visual.

Figura 2. Registro da atividade *Ver e Traçar*, no Museu de Arte do Rio, 2015.

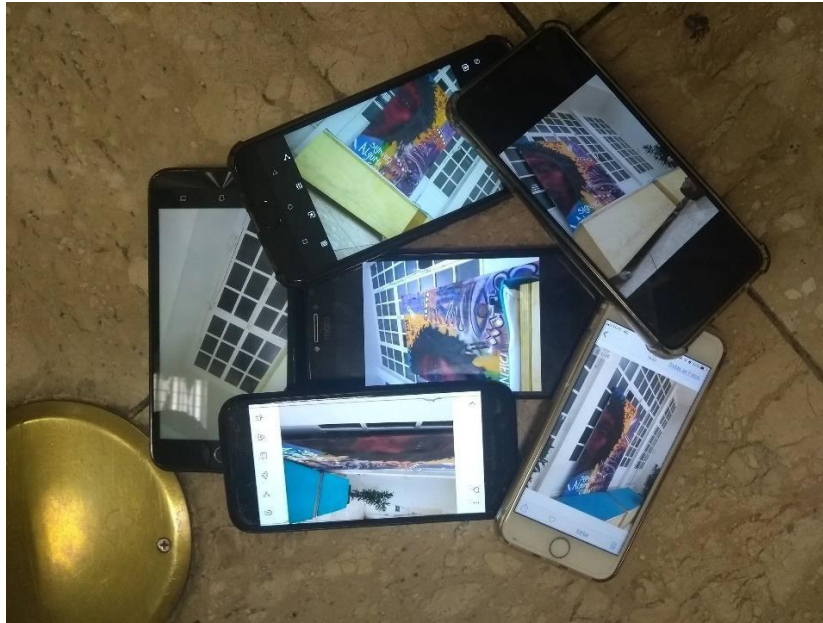


Fonte: Acervo pessoal

“As cidades revelam muito de si em sua paisagem, mas o que revelo de mim ao olhá-la? O que é vivido, visto e inventado daquela paisagem? O que desejo tornar visível, particular da imagem que é comum a todos?”. Perguntas geradoras que podem se desdobrar não só para desenho de paisagem, mas para o retrato e para o estudo das primeiras pinturas ao ar livre destacadas na história da arte. “Há uma grande diferença entre ver uma coisa sem o lápis na mão e vê-la desenhando-a.” VALERY, Paul.

## Ver e... captar?

Figura 3. Exemplo de resultado da proposição com celulares.



Fonte: Acervo Pessoal

Os objetos mediadores nem sempre precisam ser demasiadamente elaborados e artesanais. Na prática do educador de criar e se recriar o tempo todo e com o público, muitas das vezes as propostas nascem no momento e com objetos que estão ao alcance do nosso bolso. Ainda dialogando com a exposição, em algumas visitas, os educadores trabalhavam a relação dos alunos com a fotografia a partir de seus usos com smartphones. Era possível conversar sobre o excesso da produção de imagem, sobre memória - em vários sentidos, mas quem é que lembra a última foto que tirou minutos antes? -, e fazer paralelos com tempos analógicos.

Na realidade de um grupo de alunos onde todos possuíam celulares com câmera, usá-los para mediação é uma forma de aproximar o conteúdo de arte contemporânea ao cotidiano do aluno e dar novos usos a esses dispositivos. A proposta era muito simples: divididos, cada grupo escolheria um ambiente do museu e fariam uma fotografia por aluno,

apenas, daquele cenário. Feito isso, deveriam montar uma composição com as imagens nas telas dos celulares, de forma a organizar os diferentes ângulos percebidos por eles de um mesmo lugar.

Os resultados são fantásticos e, assim como na atividade anterior, revelam muito sobre quem fotografa. É proposta bem simples e praticamente sem custos, que pode ser relacionada também com outros conteúdos do currículo de arte, como colagem e o movimento cubista.

### **MAR de memes**

2015, Escola do Olhar - Museu de arte do Rio

Trazer o cotidiano para o diálogo é essencial para fomentar a aproximação do público jovem e os museus. Esses já lidam com um grande acervo de imagens e obras a todo momento, mas se relaciona com isso de forma diferente: a imagem/obra de arte no museu tende a ser sacralizado. É original? Quanto vale? Quem fez era famoso? Nos museus, no entanto, o público que escolhe ir de encontro a essas imagens.

Nas redes sociais somos bombardeados de imagens e informação e nossos cérebros não conseguem assimilar tudo. Nesse sentido, perdemos o controle do conteúdo que é produzido e massificado, e dessa forma não questionamos sua origem e legitimidade. Um mundo onde “nada se cria, tudo se copia”.

Os memes, linguagem visual carregada de humor e rapidamente popularizada no mundo da internet, provém do termo grego “meme”, de “mímesis”, que significa imitação. São conteúdos, em sua maioria imagens que de tão repetidas, se tornam virais, muitas vezes acompanhadas de frases, trocadilhos e humor. A principal característica do meme é sua possibilidade de ser reinventado por qualquer pessoa e em múltiplos contextos. Será o meme a linguagem artística mais acessível dos dias de hoje?

Figuras 4 e 5. Registro da atividade *MAR de memes*, no Museu de Arte do Rio, em 2015.



Fonte: Acervo pessoal

Os educadores prepararam e molduras produzidas com papelão como suporte e termos que vigoravam nos noticiários, músicas, programas, redes sociais, e outras que já haviam se tornado “memes”. Esses materiais eram disponibilizados para que o público fizesse uma releitura das imagens e as transformassem em novos memes. Novamente, a figura do educador se apresenta para subverter e reinventar a narrativa, muitas vezes dura e fechada, da exposição.

## 2. Sensoriais e sinestésicos

Será que só podemos experimentar a arte através da visão? De que forma podemos explorar outros sentidos e levar nossa percepção de um mesmo objeto para outros lugares? Como podemos criar ações que possam contemplar todos os corpos que habitam o museu? As proposições a seguir são um convite para ampliarmos nossa zona de conforto para outras possibilidades da experiência estética.

## Baralho Barulho

2016, Escola do Olhar - Museu de arte do Rio

Baralho Barulho é uma proposição de um dos grupos de trabalho da equipe na época, com o nome FormalImagemPalavra, da gerência de educação da Escola do Olhar, do Museu de Arte do Rio. Os educadores produziram um baralho contendo 24 cartas, cada uma delas desenhada pelos educadores com a intenção de expressar um som. Obviamente, a leitura visual e sonora das cartas poderia ser interpretada de distintas maneiras, e isso era a mágica da atividade. Uma igreja, por exemplo, não traria as mesmas memórias sonoras para todos, logo a proposta atravessa as subjetividades de cada um. E qual poderia ser a imagem que remete ao silêncio?

Figura 6. Cartas do *Baralho Barulho*, material educativo criado pelos educadores do Museu de Arte do Rio, em 2016.



Fonte: Acervo pessoal

Com as cartas distribuídas entre os alunos ou um grupo, eles deveriam buscar o “som” que a imagem os remetia na exposição. A carta funcionava como um convite para um novo olhar - aliás, uma nova escuta das obras. Olhar com outro sentido, para além da visão.

Essa experiência sinestésica podia acontecer em qualquer espaço, expositivo ou não, sem ligação direta com algum artista ou movimento específico, conversando com a abstração e a figuração das imagens que os “barulhos” nos remetem.

### **\_Museu dos sentidos**

2018, Programa CCBB Educativo - Arte e Educação

Na ocasião do Dia da Luta da Pessoa com Deficiência, que ocorre no dia 21 de Setembro, e em conexão com a exposição “Construções Sensíveis - A experiência geométrica latino-americana na coleção Ella Fontanals-Cisneros” que estava vigente no Centro Cultural Banco do Brasil, a atividade educativa se propôs a experimentação dos sentidos para além da visão, explorando cheiros, gestos e ritmos presentes na exposição. Outra referência para esta ação foi a obra *Roda dos Prazeres* de Lygia Pape.

A atividade se deu a partir de 3 sugestões de investigação diferentes:olfativa, gestual e pelo tato.

Para a investigação olfativa, diversas opções de essências foram dispostas em chumaços de algodão para serem experimentadas pelos visitantes. Depois disso, estes cheiros eram buscados pelo público nas obras de arte da exposição. Como eram obras de abstração geométrica, as associações criadas pelo público eram bastante curiosas e carregadas de sua subjetividade - que muitas vezes contaminava o coletivo ao se ver concordando com as narrativas.

Na investigação gestual foi possível experimentar as possibilidades de criação com as mãos, substituindo a linguagem verbal, para ilustrar os gestos explícitos no processo de criação das obras expostas. Depois de perceberem esses gestos, em conversa com os

educadores, eles eram transformados em verbos, como por exemplo *colar, rasgar, pintar, dobrar, amassar, riscar, furar*. Com os verbos em mente, o jogo começava. Os participantes em roda, uma espécie de telefone sem fio, onde o primeiro jogador fala no ouvido do outro um verbo e este tem que representar esse verbo-ação utilizando apenas as mão, sem usar expressão facial. O jogador seguinte deve interpretar mentalmente esse gesto, transformá-lo em um verbo e falar no ouvido do jogador seguinte, que deverá representar manualmente - e assim por diante, sempre se baseando apenas na última representação manual feita. Na sequência, então: um fala no ouvido, outro executa, o outro interpreta e fala no ouvido, o outro executa. O último jogador poderá revelar em voz alta para todos o gesto que ele entendeu, e então o primeiro também poderá fazer o mesmo. Assim, o grupo poderá tentar refazer a linha de raciocínio e ver como nossas percepções e interpretações podem ser absurdamente diferentes.

Por último, a investigação pelo tato aconteceu através de uma caixa produzida pelos educadores, com alguns compartimentos cobertos por um tecido, que escondiam objetos e materiais de diversas texturas. O público era convidado a sentir estas texturas por uma fenda no tecido, e então deveriam narrar a sensação ou fazer associações oralmente ou por meio de desenho, mas sem usar o nome do material em questão. É um exercício que nos provoca a usar outro sentido e outra linguagem para expressar sensações que estamos acostumados a nomear e catalogar verbalmente.

### **\_Nas cavernas...**

2019, Programa CCBB Educativo - Arte e Educação e SAE – Sessão de Assistência ao Ensino do Museu Nacional

Nas Cavernas é uma atividade cuja concepção é dos educadores da SAE - Sessão de Assistência ao Ensino, o primeiro Educativo de museu do Brasil, do Museu Nacional.

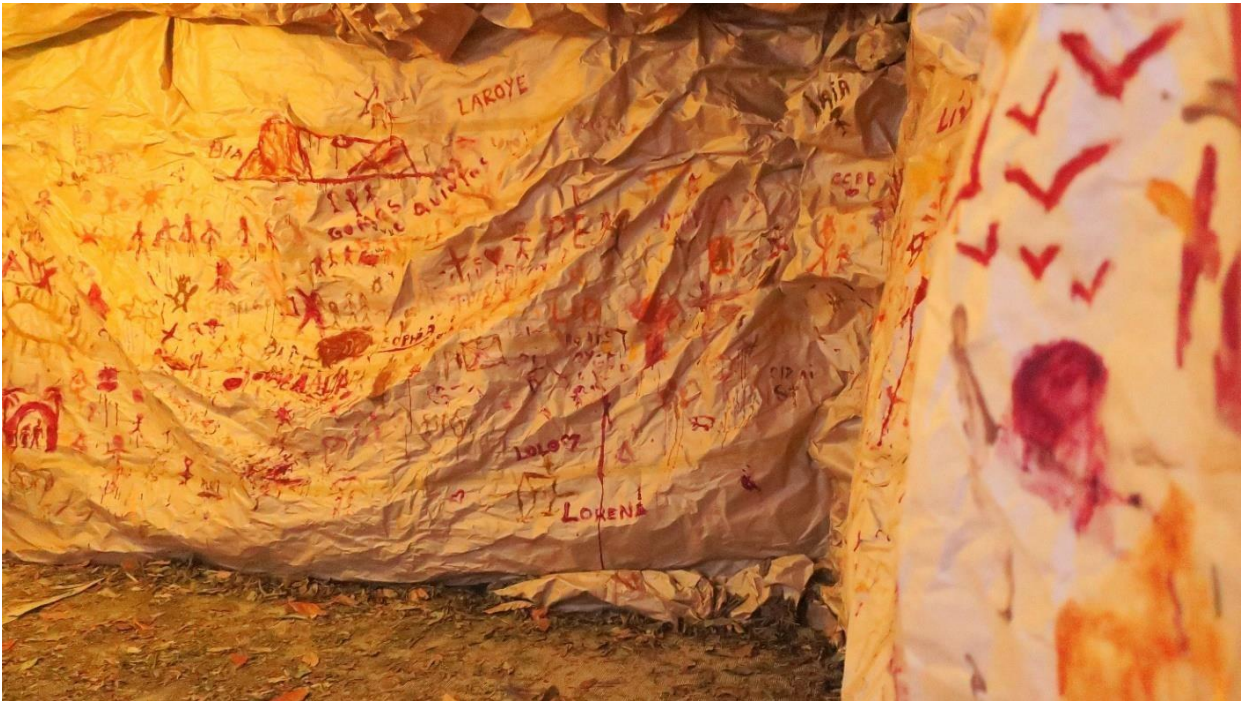
Em ocasião do incêndio em setembro de 2018, algumas peças fizeram parte da exposição Arqueologia do Resgate: Museu Nacional vive no Centro Cultural Banco do Brasil e os setores educativos dos dois espaços puderam trabalhar em parceria. É uma

experiência interessante tendo em vista as duas áreas de atuação: artes e história. Na tentativa de entrelaçar as metodologias, algumas atividades educativas que ocorriam no Museu Nacional foram ressignificadas no novo espaço.

A atividade faz referência à pintura rupestre, onde o objeto mediador é um cenário feito com papel Kraft para simular uma gruta e produtos naturais facilmente encontrados na nossa cozinha que servem também como pigmento para criar cor. Toda a ação envolve uma conversa sobre as possibilidades de registros na pré-história, o que era registrado e como isso era feito de forma diferente das que conhecemos hoje. Ainda em uma discussão sobre a necessidade de um registro, os participantes pensavam no que gostariam de deixar gravado como memória, produziam as tintas com produtos naturais – exceto pela cola, que usamos como aglutinante desses pigmentos, mas que poderia ser substituído por clara de ovo, por exemplo.

O destaque desta ação é a experiência do contato com os pigmentos, onde podemos explorar cheiros e sabores, e o uso, além dos gravetos no cenário, do próprio corpo – mãos e dedos – como ferramenta para pintura. Se torna mais um convite para dialogar sobre as tecnologias que hoje estão tão presentes no nosso cotidiano que se tornam banais para nós.

Figura 7. Registro do resultado da atividade *Nas cavernas...*, 2019.



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 8. Detalhe do desenho de uma criança participante da atividade *Nas cavernas...*, 2019.



Fonte: Acervo Pessoal

### 3. Palavra e narrativa

Na música, a fala, a escrita, as mídias, a palavra está inerente a tudo que nos cerca. O trabalho “Uma e três cadeiras”, de Joseph Kosuth, inspirou o nome do grupo de trabalho “FormalmagemPalavra” da equipe de educadores do Museu de Arte do Rio e nos lembra como esses conceitos sempre se esbarram na história da arte. A palavra, como comunicação, talvez seja a linguagem mais popular e acessível dentre as demais. Pensar em mediação é também olhar para essa linguagem e para as narrativas que criamos e que nos atravessam em diferentes formas de imagens e palavras.

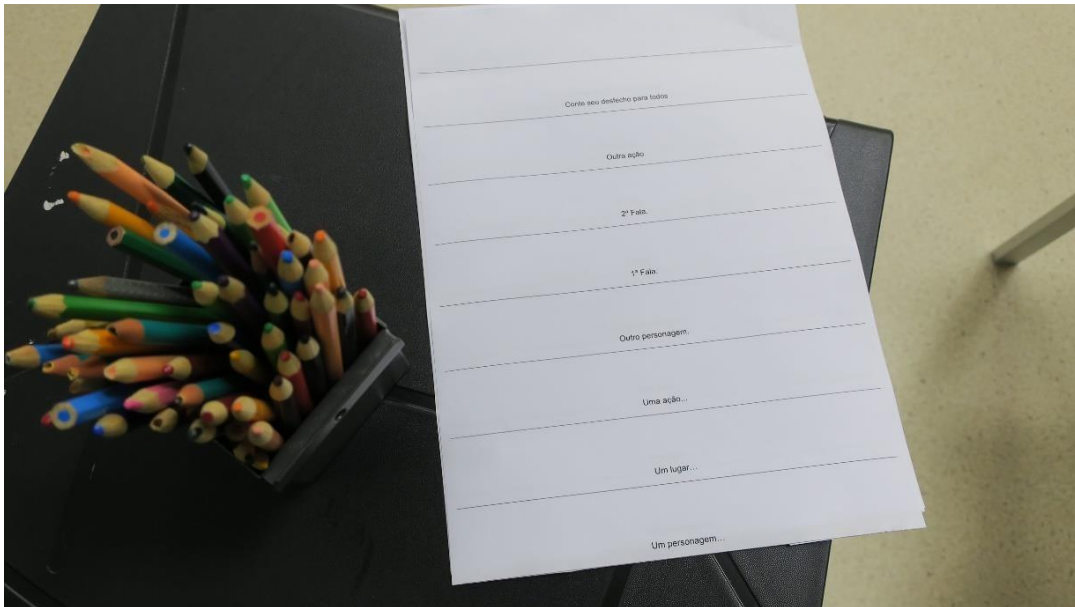
#### Desdobração de histórias

2019 - Programa CCBB Educativo - Arte e Educação - CCBB RJ

A atividade se deu em decorrência da exposição DreamWorks - Uma jornada do esboço à tela, que trazia um pouco do processo de criação dos filmes deste estúdio de animação. Por ser um assunto tão presente e familiar para o público que visitava o centro cultural, a maneira de abordar a exposição sugeria outros recortes. O grupo de trabalho Práticas Artísticas e Práticas Educativas desenvolveu várias ações que dialogavam com narrativa e personagem, que também eram eixos da exposição (Personagem, História e Mundo). Assim, recriaram uma brincadeira de infância para produzir narrativas coletivas.

A brincadeira consiste em uma roda de até 8 pessoas onde cada uma possui uma folha de papel. Cada uma delas insere um elemento da história, dobra de forma a esconder esse elemento e passa a folha adiante, e assim por diante, até que todos os elementos estejam dobrados e criados de forma coletiva. Esses elementos são: Personagem 1, Lugar, Ação. Personagem 2, Fala 1, Fala 2, Ação. Ao final, o papel é desdobrado, as histórias criadas são narradas, e o leitor pode inventar um desfecho para o que leu.

Figura 9. Modelo impresso para atividade *Desdobração de Histórias* feito pelos educadores do Programa CCBB Educativo - Arte e Educação.



Fonte: Acervo pessoal

A equipe criou um modelo impresso para que ficasse mais fácil de visualizar o que deveria ser escrito e a dobra. O resultado tende a ser um pouco *non sense*, porém as possibilidades o fazem ser muito divertido. Onde mais poderíamos encaixar Shrek e Ivete Sangalo num mesmo mundo?

Um exemplo de história criada e modo de leitura:

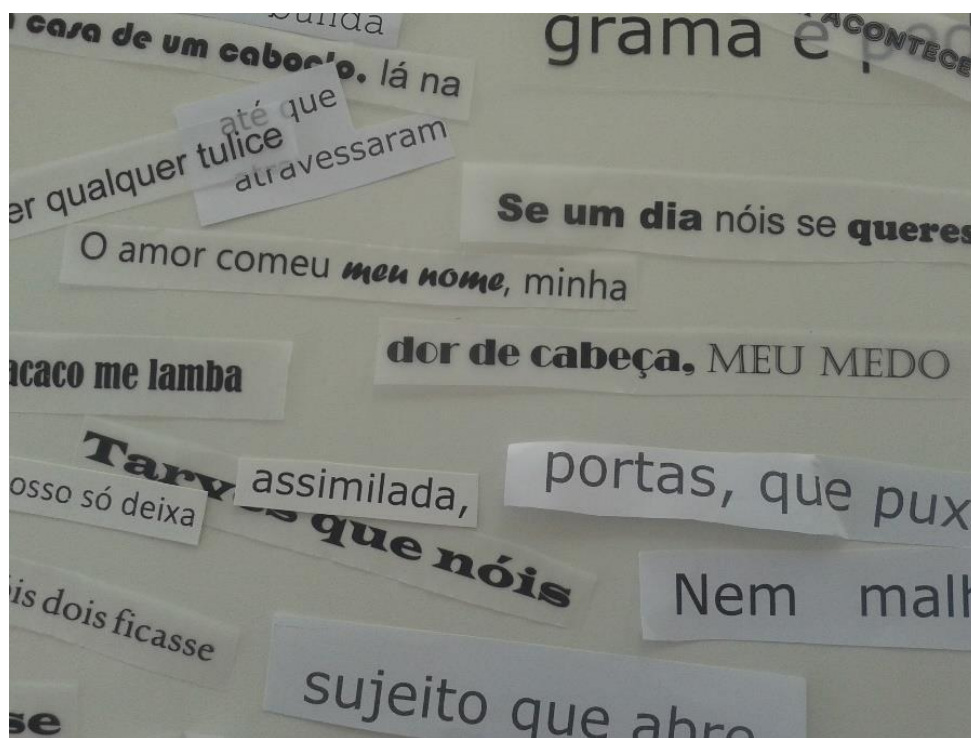
*(Personagem 1):* **Shrek**  
*(Lugar) estava no....:* **banheiro**  
*(Ação):* **pensando na vida**  
*(Personagem 2) chegou....:* **Ivete Sangalo**  
*(Fala 1) e disse....:* **Pelas barbas do profeta!**  
*(Fala 2) e ele respondeu....:* **Eu me remexo muito!**  
*(Ação 2) ele foram....:* **pular corda**  
*(desfecho dado pelo leito depois de desdobrar a folha):* **e se remexeram muito em cima de um trio elétrico felizes para sempre.**

### Forma das Palavras

2016, Escola do Olhar - Museu de Arte do Rio

“Como é fazer poesia partindo da combinação de variadas referências cotidianas?”. Forma das Palavras é uma atividade inspirada nos movimentos de vanguarda literária que criticavam o rigor formal e academicismo do concretismo e propunham uma nova estética poética.

Figura 10. Recortes de palavras e trechos de poemas para a atividade *Forma das Palavras*, no Museu de Arte do Rio, em 2016.



Fonte: Acervo pessoal

Combinando fragmentos de poemas e palavras recortadas, os visitantes eram convidados a construir uma nova escrita, individual ou coletiva - já que o resultado fica exposto e é passível de alterações de quem o vê em outro momento.

A ação discute a noção de originalidade quando essas sobreposições acontecem e com palavras ou frases que já estão dadas e que, antes do contato do público, habitavam um mundo- que tinha um dono! - fechado de significados. A maneira como esses

fragmentos são dispostos, onde estão dispostos e o que eles dizem criam novas camadas de significados na interpretação do leitor.

Figura 11. Poema criado por visitante na atividade *Forma das Palavras*, no Museu de Arte do Rio, em 2016



Fonte: Acervo pessoal

### **Baralho Semana de Museus**

2019, Programa CCBB Educativo - Arte e Educação

Em maio de 2019 ocorreu a 17ª Semana Nacional de Museus em comemoração ao dia Internacional de Museus. O tema escolhido foi *Museus como núcleos culturais: O futuro das tradições*. Dialogando com a programação, os educadores e coordenadores do Programa CCBB Educativo – Arte e Educação pensaram nesta ação.

Um museu não se constrói sozinho, então era interessante que tanto a ação quanto seu produto fossem abertos ao coletivo. Foram selecionadas cinco palavras chaves geradoras de um debate acerca do tema: tradição, cultura, resistência, futuro e patrimônio. Através de colagens, criamos a relação imagem e palavra e delas surgiram cinco cartas de baralho. Importante destacar que a colagem carrega a subjetividade de quem a fez, mas que também, junto com a palavra, permite inúmeras interpretações outras.

Figura 12. Cartas criadas pelos educadores e pelo público na atividade da Semana Nacional dos Museus, no Programa CCBB Educativo – Arte e Educação



Fonte: Acervo pessoal

Com essas cartas viradas para baixo, o público do Centro Cultural foi convidado a escolher duas ou três e tecer relações entre imagens, palavras e sentidos. As palavras podem parecer pouco acessíveis para algumas faixas etárias, mas a conversa também funciona com um caráter associativo, trazendo essas palavras muitas vezes desconhecidas para o público infantil para seu cotidiano. Um exemplo foi falar sobre “resistência” relacionando com “tomar vacina para ficar resistente a uma doença”, ou “o que faz um herói ser um super-herói”. Ao decorrer das associações, vimos que as cartas estão interligadas e novas palavras surgiram. Assim, o público também pôde criar as cartas que estariam “faltando” nesse baralho com suas próprias colagens e interpretações.

O resultado é um extenso deck de cartas, que pode ser infinito, uma vez que novas – ou repetidas - cartas e palavras podem ser acrescentados toda vez que a atividade for executada. Esse material feito coletivamente também se torna objeto mediador do espaço cultural em visitas que dialogam com patrimônio, mas que também consegue agregar

outros contextos e usos.

#### 4. Olhar pra dentro

As exposições e as obras de arte não falam sozinhas. Toda a experiência, que envolve a escolha, o caminho e a expectativa, além do próprio espaço físico do museu e a expografia presente influencia a relação do nosso corpo com esse lugar. Como o museu percebe si mesmo? Como convidar o público a perceber de outras formas? Existe uma maneira “correta” de ver e sentir uma obra de arte? O exercício de olhar para dentro de seu acervo, seu público e sua prática é necessário para que o museu se reinvente sempre, para que consiga ser um lugar acolhedor e de troca.

##### Convite à atenção

Material educativo da 33ª Bienal de São Paulo - Afinidades Afetivas

A publicação Convite à atenção é um material que “*propõe exercícios que convidam as pessoas a estarem atentas para a experiência com a arte, desde o encontro com a obra até o compartilhamento da reflexão sobre ela.*” Foi criado em decorrência da 33ª Bienal de São Paulo e se volta para a experiência de estar no espaço cultural e da leitura de imagem.

É claro, não existe um modo certo de se ver uma exposição. As cartas do Convite à atenção no ajudam a tecer um caminho de afeto e afinidade para *encontrar uma obra, dedicar a atenção, registrar a experiência e compartilhar.*

Entendendo que a arte deve ser percebida, as cartas propõem exercícios de reflexão sobre as obras de arte como canal de comunicação e experiência, buscando o que as obras nos dizem, e não o que dizem sobre as obras. Aqui também é interessante pensar *quem diz*, quem fala sobre as obras, e dessa forma o convite funciona de forma que o expectador crie sua própria narrativa, se desprendendo de uma narrativa curatorial. O que podemos aprender com estas obras se dedicarmos um momento de atenção afetiva?

O material é disponibilizado também online e seu uso não é restrito à Bienal,

abrangendo assim, vários contextos e espaços para o exercício do olhar e da atenção.

Figura 13: Kit do *Convite à atenção* - material educativo da 33ª Bienal de São Paulo - Afinidades Afetivas, 2019.



Fonte: Acervo pessoal

## 5. De dentro para fora

Alguns educativos setores educativos produzem materiais que se distinguem das publicações e folders que acompanham a curadoria de uma exposição, com o intuito de ultrapassar o lugar físico do museu e sair do conceito de produto apenas informativo. São materiais pensados pelos educadores e demais profissionais dos setores educativos, que propõem uma ativação que visa a autonomia do aluno/público e levam a reflexão e a experiência adiante, de forma a gerar desdobramentos outros e em outros *espaçostempos*.

### **\_Convite à ativação - Construções Sensíveis**

2018, Programa CCBB Educativo - Arte e Educação

O *Convite à ativação* da exposição “Construções Sensíveis - A experiência geométrica latino-americana na coleção Ella Fontanals-Cisneros”, foi produzido pelos educadores do grupo de pesquisa Práticas Artísticas e Práticas Educativas do Programa CCBB Educativo - Arte Educação em 2018. O material propõe trabalhar a bidimensionalidade e tridimensionalidade presente nas esculturas e criar possíveis relações entre os países da América Latina presentes na exposição de abstração geométrica.

O Convite consiste em 3 lâminas, cada uma contendo dois mapas (frente e verso) de leituras social, político e econômica da América Latina, uma lâmina que contextualiza a exposição e uma cinta onde se encontra a proposição de *esculpir cartografias em 8 passos*. A ideia é usar do corte (ou rasgo) e da dobra nos mapas para transformá-lo numa escultura com três dimensões e perceber como essas dobras formam conexões entre lugares nos mapas frente e verso que talvez fossem impossíveis na realidade mas que nos fazem pensar: de que forma essas aproximações ocorrem ou poderiam ocorrer de forma não-física?

Figura 14: *Convite à ativação* criado pelos educadores do Programa CCBB Educativo - Arte Educação para a exposição *Construções Sensíveis - A experiência geométrica latino-americana na coleção Ella Fontanals-Cisneros*, 2018.



Fonte: Acervo pessoal

### **\_Convite à ativação - 50 anos de Realismo** 2019, Programa CCBB Educativo - Arte e Educação

A exposição 50 anos de Realismo, que no ano de 2019 transita entre os Centros Culturais do Banco do Brasil também foi pesquisa para um Convite à Ativação. O material criado pelos educadores consiste em um jornal que aborda temas pertinentes à exposição, e a escolha dessa linguagem se dá pela relação com a verdade – que é questionada o tempo inteiro.

Figura 15: Frente do *Convite à Ativação* criado pelos educadores do Programa CCBB Educativo – Arte e Educação para a exposição 50 Anos de Realismo, em 2018/2019.



Fonte: Acervo pessoal

Como a proposta do Convite à Ativação é ser interativo, com este não foi diferente. As páginas do jornal contêm espaços em branco com informações que serão inseridas pelo leitor, como escrever uma notícia a partir de uma imagem ou ilustrar uma notícia, a previsão do tempo, a sessão dos classificados e horóscopo. Tudo isso mesclado com pinturas realistas, inspiradas no fotojornalismo, presentes na exposição e que confundem nossos olhos, trazendo uma discussão bastante atual em tempo de *fake news* (notícias falsas), sobre o que é e o que não é real.

Figura 16: Miolo do *Convite à Ativação* criado pelos educadores do Programa CCBB Educativo – Arte e Educação para a exposição 50 Anos de Realismo, em 2018/2019.



Fonte: Acervo pessoal

Um fato curioso deste material é que a metalinguagem usada para discutir o real também perpassou os usos do próprio dispositivo: os jornais chegaram ao Centro Cultural e foram recebidos por outro setor que não o Educativo, que o entendeu como material para distribuição para o público na recepção sem questionar seu conteúdo, uma vez que a exposição nem havia começado. Dessa forma, o público espontâneo adquiriu o jornal como adquire um jornal público de distribuição livre comum – e real.

## 6. Tudo pode ser objeto mediador?

Os objetos mediadores nem sempre precisam ser demasiadamente elaborados e artesanais. Na prática do educador de criar e se recriar o tempo todo e com o público, muitas das vezes as propostas nascem no momento e com objetos que estão ao nosso alcance. Entre o público e o educador, existe um mundo inteiro de possibilidades.

### Pense como

2014, Escola do Olhar - Museu de arte do Rio

Pense Como foi uma proposição do grupo de trabalho Narrativas Fantásticas, no Museu de Arte do Rio, em 2014. Consistia em um baralho, uma espécie de tarot, que guiava o participante a se relacionar com as obras a partir da perspectiva de um objeto ou personagem - e não ele próprio. Se eu fosse um gato, como seria meu comportamento nesse espaço? Por quanto tempo eu observaria uma obra? Quais me chamariam a atenção? E por que ângulos eu as conseguiria ver?

Os objetos, personagens e situações sugeridas pelas cartas podem estar em qualquer lugar, mas sua combinação nos convida a pensar diferente a forma que nos relacionamos com o espaço. O material produzido ilustra a atividade, mas também pode ser sugerido apenas verbalmente na impossibilidade de sua produção. É uma atividade que desloca o sujeito de seu mundo e o insere em outro e, por mais simples que isso possa soar, não é tão fácil na prática se colocar em outro lugar.

Figura 12. Cartas do baralho da atividade Pense como, do Museu de Arte do Rio, 2014



Fonte: Acervo pessoal

### MasterFIP

2016, Escola do Olhar - Museu de arte do Rio

A seguinte ação se difere das demais pois não foi uma proposta para o público do museu, mas sim parte da formação interna da equipe de educadores do Museu de Arte do Rio no ano de 2016. Os grupos de trabalho, tinham suas pesquisas e processos de criação com o público bem delineadas. Eram eles: Acessibilidade, Narrativas Fantásticas, Eu, a cidade e o Outro e FormalmagemPalavra. Este último, se destacava na produção de objetos mediadores e, nesse momento de troca de saberes e experiências, usaram a referência do programa gastronômico MasterChef, onde os aspirantes a chef devem criar pratos com os alimentos específicos e selecionados pelos apresentadores e cozinheiros

profissionais.

No caso do FIP (FormalmagemPalavra), eram disponibilizados materiais diversos - papéis de várias texturas, barbante, giz colorido, tesoura, cola, entre outros - e os grupos deveriam elaborar um objeto mediador que pudesse dialogar com todas as exposições vigentes e com o museu em si. Com direito a tempo cronometrado, título e metodologia, foi possível levantar questões como a dificuldade de materializar ideias, a falta de material que é realidade no cotidiano de professores e alunos do ensino público e os caminhos dos discursos que são reproduzidos e criados junto com o público do museu.

## REFERÊNCIAS

33 Bienal de São Paulo: **Afinidades afetivas : convite à atenção**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2018.

MUSEU DE ARTE DO RIO. **Escola do Olhar : práticas educativas do Museu de Arte do Rio 2013-2015 ; Seminário Sustentabilidade, Educação e Arte**. Rio de Janeiro : Instituto Odeon, 2016.

PONTOS de Fuga. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra65788/pontos-de-fuga>>. Acesso em: 03 de Set. 2019. Verbetes da Enciclopédia.

VALÉRY, Paul. **Degas, dança, desenho**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.